

O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA NA ÁREA CENTRAL DE UBERLÂNDIA (MG): AVALIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

THE LOWER CIRCUIT OF THE ECONOMY IN THE CENTRAL AREA OF UBERLANDIA CITY (MG-BRAZIL): CHARACTERIZATION AND EVALUATION

Otávio de Melo Coelho

Graduando em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista PIBIC.

Mirlei Fachini Vicente Pereira

Geógrafo. Doutor em Geografia. Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

RESUMO: O trabalho visa reconhecer e avaliar as características do circuito inferior da economia urbana na área central da cidade de Uberlândia (MG). A área central de Uberlândia tem conhecido nos últimos anos um processo de popularização e re-funcionalização de suas atividades, onde o meio construído e as características estruturais dos prédios, nesta porção da cidade, guardam “rugosidades” que atuam como elementos privilegiados para o adensamento das atividades do circuito inferior (atividades de comércio e serviços pouco capitalizadas). O estudo das atividades do circuito inferior da economia na área central de Uberlândia constitui importante discussão dos aspectos geográficos da economia urbana local e regional, visto que as atividades deste circuito são inegáveis fontes de trabalho e renda para a população mais pobre da cidade.

Palavras-chave: economia urbana, circuito inferior da economia urbana; Uberlândia.

ABSTRACT: *The paper aims to recognize and evaluate the characteristics of the lower circuit of the urban economy in the central area of Uberlandia city in the Minas Gerais state (Brazil). This area has been through a process of popularization and re-functioning of its activities in the last years, where the built environment and the structural features of buildings in this part of the city are privileged “roughness” elements which act for the intensification of the activities of the lower circuit (trade activities and less capitalized services). The study of these activities of the lower circuit of the economy in the central area of Uberlandia is an important discussion of the geographical aspects of the local urban and regional economy, since the activities of this circuit are undeniable sources of employment and income for the poorest inhabitants of the city.*

Keywords: *urban economy, lower circuit of urban economy, Uberlandia (MG-Brazil).*

INTRODUÇÃO

A teoria dos circuitos da economia urbana formulada por Santos (2004), na década de 1970, traz importantes contribuições a respeito do espaço urbano nos países pobres, visto que reconhece a existência de dois circuitos econômicos (um circuito superior e um circuito inferior) configurados pela diferença quantitativa e qualitativa de consumo e de acesso aos bens e serviços oferecidos, além de reconhecer uma divisão territorial do trabalho própria das cidades dos países pobres.

Nosso trabalho consiste, por meio do estudo da teoria dos circuitos da economia e da dinâmica urbana de Uberlândia, em caracterizar e avaliar as atividades do circuito inferior na área central desta cidade, sendo esse o espaço de maior concentração dessas atividades. A metodologia empregada incluiu a realização de entrevistas em

estabelecimentos que apresentam características desse circuito, visando o levantamento de informações que pudessem dar subsídios para uma análise qualitativa que reconheça as práticas de funcionamento e a dinâmica dessas atividades do circuito inferior da economia no centro da cidade. Para isso, foram feitas visitas regulares a campo que possibilitaram o levantamento das informações. Pelo que foi avaliado, esse circuito pouco capitalizado tem ganhado importância no conjunto da economia local e regional, pelo seu potencial de geração de trabalho, renda e também como alternativa de consumo, sobretudo para a uma população pobre.

A TEORIA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

A partir da segunda metade do século XX, e principalmente após os anos 1970, o mundo tem vivido um novo momento e uma nova configuração do modo de produção capitalista. Esta nova configuração se baseia na difusão da técnica e na expansão de um meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994, 1996), no qual técnica, ciência e informação são elementos muito estruturantes do território e da própria sociedade, elementos esses centrais à realização das ações da economia e da política hegemônicas.

Santos (2004, p. 35) reconhece que a partir desse momento tem-se uma “revolução do consumo”, já que, por meio da informação, são criadas e remodeladas novas e muito variadas formas de consumo. Essa expansão do consumo tende a alcançar todos os níveis sociais, desde os mais ricos até as classes menos abastadas, de maneira direta, indireta ou ocasional (SANTOS, 2004), o que também promove uma disseminação de novas necessidades e mesmo de novos desejos.

Esse novo momento do sistema capitalista, baseado na técnica e na informação, trouxe uma nova divisão do trabalho e a criação (de certo modo “planejada”) de uma pobreza estrutural globalizada (SANTOS, 2000), que hoje é vista quase que como algo natural e mesmo inevitável. Uma pobreza criada e produzida politicamente pelas grandes empresas e instituições privadas, que passam a deter o comando do território. Uma pobreza que se dá pelo crescimento das taxas de desemprego e na redução dos salários, visto que na atual dinâmica do capitalismo poucos são qualificados e aparecem como aptos para a realização do “trabalho moderno”. Tal pobreza é essencial ao funcionamento do sistema capitalista, que cada vez mais passa a ser comandado por “nexos financeiros” (SANTOS, 2000; SILVEIRA, 2009, p. 67).

O crescimento exacerbado das cidades e a não realocação da população no mercado de trabalho, juntamente a esse novo momento do consumo, tem produzido fragmentações territoriais, atentando que “quanto mais populosa e grande for a cidade, mais

diferenciadas são suas atividades e sua estrutura de classes, e mais o quadro urbano se torna compósito, deixando melhor ver as suas diferenciações” (SANTOS, 1996, p. 95). Tais características são próprias da sociedade contemporânea, evidenciando uma urbanização seleta e corporativa, revelando uma divisão entre “aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las” (SANTOS, 2004, p. 37).

Nas cidades, espaços marcados por acesso restrito e concentração de recursos retratam bem a crise social contemporânea, crise esta que produz uma “cidade neoliberal”, tal como reconhece Ana Clara Torres Ribeiro:

[...] A crise societária corresponde à fragilização dos processos de socialização, decorrente da financeirização da economia urbana, da monetarização de todas as relações sociais e da ênfase, quase exclusiva, em intervenções na materialidade que objetivam o embelezamento de áreas privilegiadas e a circulação confortável para somente alguns segmentos da população urbana (RIBEIRO, 2006, p. 24).

Desta maneira, as fragmentações sociais produzem diferenças qualitativas e quantitativas que revelam a existência e a manutenção de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços oferecidos nos países cuja estrutura social é desigual e injusta, circuitos esses que Milton Santos denominara “circuito superior” e “circuito inferior” da economia urbana (SANTOS, 2004).

A partir das diferenças de consumo, o mesmo autor reconhece que, embora bastante desiguais, os circuitos da economia urbana são também complementares. O circuito superior é aquele constituído pelos “bancos, comércio e serviços modernos, indústria urbana moderna e de exportação” (SANTOS, 2004, p. 40). Atividades muitas vezes ligadas a comandos e demandas externos e que possuem uma racionalidade instrumental no uso da tecnologia e em sua organização (impostas “de cima” pelos desígnios de uma divisão do trabalho definida em função de interesses externos ou longínquos). Já o circuito inferior é aquele “constituído essencialmente por formas de fabricação ‘não-capital intensivo’, pelos serviços ‘não-modernos’ fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio “não-moderno” e de pequena dimensão” (SANTOS, 2004, p. 40). Atividades estas muitas vezes enraizadas no próprio lugar, que visam suprir as demandas de uma população local e mais pobre, configurando assim uma divisão do trabalho que é operada pelo próprio lugar. Milton Santos reconhece ainda a existência de um “circuito superior marginal”, caracterizado por formas mistas de trabalho que muitas vezes possuem organização e técnica, mas não funcionam com a mesma racionalidade e o mesmo caráter corporativo dos agentes hegemônicos da economia (SANTOS, 2004; SILVEIRA, 2009).

De modo breve, a compreensão dos circuitos da economia urbana nos países pobres pode ser caracterizada da seguinte forma: o circuito superior seria “resultado direto da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos são os monopólios. A maior parte de suas relações ocorre fora da cidade e da área que a circunda porque este circuito tem um quadro de referências nacional ou internacional”; enquanto que o circuito inferior seria aquele caracterizado por “atividades em pequena escala e que diz especialmente respeito à população pobre, possuindo relações privilegiadas com sua região” (SANTOS, 2003, p. 172). Neste sentido, o circuito superior comporta as atividades vinculadas à expansão do meio técnico-científico-informacional, com vistas a uma acumulação ampliada de capital, enquanto que o circuito inferior comporta as atividades menos capitalizadas e de expressão local ou mesmo regional, fruto de uma divisão territorial do trabalho presidida pelo próprio lugar (SANTOS, 2003, 2004).

No que se refere às atividades de trabalho o que diferencia o circuito superior do circuito inferior são as formas de tecnologia e os modos de organização. Enquanto o circuito superior faz uso de uma tecnologia intensiva (que também é intensa em capital) e que é constantemente renovada, o circuito inferior utiliza principalmente de trabalho intensivo (no mais das vezes não especializado). O circuito superior possui uma organização administrativa em que o detalhamento e organização rígida das atividades visam à melhor (e a mais segura) forma de acumulação, visto que esse circuito, em função do seu alto nível tecnológico, necessita de grande aporte de capital. O circuito inferior, por sua vez, em função de seu baixo grau de modernização, possui capitais em geral reduzidos e também uma organização que, de certo modo, aparece como elementar ou mesmo “primitiva”, tal como reconhece Santos (2004).

A questão do emprego nos dois circuitos da economia urbana também é ao mesmo tempo divergente e complementar. Nas atividades do circuito superior, principalmente na indústria, a oferta de empregos é cada vez mais reduzida em função da constante modernização tecnológica que visa diminuir custos de produção. No setor terciário a demanda por empregos é em geral mais significativa, mas nos setores privados ou nas atividades mais modernas do terciário essa oferta geralmente se concentra nos principais centros do país ou do exterior e acaba por assalariar apenas aquela mão-de-obra considerada mais apta a este tipo de trabalho (em geral com alguma qualificação prévia).

No circuito inferior o emprego é geralmente mais volumoso o que acaba por constituir um verdadeiro “refúgio” para a população mais pobre (SANTOS, 2004), que não consegue se inserir de forma facilitada nas atividades modernas e mais bem remuneradas. O emprego abundante nesse circuito inclui ocupações de caráter temporário e sem vínculos formais (sem “carteira assinada”) e também as de baixa remuneração, mas, sobretudo,

ocupações fixas e que constituem no mais das vezes a única oportunidade de trabalho para um conjunto significativo da população, ainda que este trabalho por vezes garanta apenas o mínimo necessário para a sobrevivência.

Enquanto no circuito superior a sistêmica e sustentada acumulação de capital é essencial para manter a empresa competitiva em função dos constantes avanços tecnológicos, no circuito inferior a prioridade é garantir a sobrevivência (própria e do empreendimento) e o pagamento aos fornecedores; trata-se assim de uma acumulação simples, que em geral não garante aumento extraordinário de capital e da riqueza material.

As atividades do circuito superior dispõem de ajuda governamental, como linhas especiais de crédito, financiamentos, isenção de impostos e tarifas. Em contrapartida, as atividades do circuito inferior não recebem os mesmos subsídios governamentais e, por vezes, ainda enfrentam processos de cerceamento do poder público, como é o caso das investidas contra as práticas das vendas de rua em muitas cidades (SANTOS, 2004).

Uma diferença fundamental, que embora tenha atualmente conhecido alguma reconfiguração, é a dependência que as atividades do circuito superior da economia possuem em relação ao comando de suas atividades. O circuito superior resulta normalmente de ações e comandos que se dão de fora da sua região (com atuação de sedes ou matrizes localizadas às vezes mesmo fora do país), ao mesmo tempo em que seu mercado consumidor também pode extrapolar os limites da cidade e da região onde se insere. No circuito inferior, por sua vez, as atividades de fabricação, comércio e serviços funcionam muito em função das demandas locais, das necessidades do próprio lugar onde se estabelecem, ainda que, no que se refere ao seu abastecimento, sobretudo neste período de globalização, cada vez mais lugares distantes são acionados e cooperam para compor um circuito de atividades pouco capitalizadas no interior das cidades (como é o caso, por exemplo, do comércio de produtos importados de baixo a médio custo).

Um ponto importante a ser ressaltado é que embora retratem aspectos bastante diferenciados de uma desigual divisão do trabalho que ocorre no interior do espaço urbano, “os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados” (SANTOS, 2004, p. 56), ou seja, os dois circuitos não existem de modo autônomo. São, contraditoriamente, complementares e interdependentes, ainda que o circuito inferior ocorra de forma subordinada ao circuito moderno e capitalizado, já que o circuito inferior também resulta das sucessivas modernizações do circuito superior.

O estudo dos circuitos da economia urbana, principalmente nos países onde persistem as desigualdades sociais, muito tem levado à discussão das categorias analíticas empregadas nos estudos das atividades pobres ou pouco capitalizadas da economia. Uma

discussão que aparece é aquela que relaciona, de modo errôneo, o circuito inferior ao chamado “setor informal da economia”.

Para uma análise geográfica das atividades urbanas, a idéia de circuito inferior da economia nos parece mais válida do que a idéia de setor ou economia informal (SILVEIRA, 2008). Esta autora apresenta importante e lúcida contribuição para a compreensão das diferenças empíricas, mas sobretudo de ordem epistemológica (e também política) entre o circuito inferior da economia e a chamada “economia informal”.

Do ponto de vista dos agentes hegemônicos da economia e da política, essas atividades informais são normalmente apontadas como “um verdadeiro freio econômico ao desenvolvimento da nação” (SILVEIRA, 2008, p. 21), visto que, por não contribuírem com os cofres públicos, previdência social etc., também não contribuem de modo sistemático com a economia nacional, configurando assim atividades “clandestinas” (ainda que realizadas de modo escancarado nas cidades brasileiras). O que a economia ou a contabilidade nacional considera como informal é normalmente aquela atividade que, no mais das vezes de pequeno porte e também pouco capitalizada, de uma forma ou outra se encontra em situação de não-regularização.

No caso do circuito inferior da economia é preciso entender que tais atividades, embora também de pequena expressão, pouco capitalizadas e voltadas para a população mais pobre, não são necessariamente sinônimo de “atividades informais” (ainda que os chamados informais no mais das vezes integrem este circuito). Existem atividades simples de uma economia pobre que, no entanto, se inserem nos esquemas formais de organização. O mais importante é levar em consideração a grande diferença de organização e de capital expressa em tais atividades (circuito superior e circuito inferior), e não o seu caráter legal ou ilegal, formal ou informal, inclusive porque atividades muito capitalizadas também sonégam impostos (ou seja, podem ser ilegais) (SILVEIRA, 2008). A importância maior do circuito inferior, em que pese ser resultado de uma expansão da pobreza e aprofundamento das desigualdades, reside no fato que, potencialmente, tais atividades garantem trabalho e renda justamente para a população mais pobre, e poderiam, portanto, figurar como alvo de políticas realmente endereçadas às necessidades da maior parte da sociedade.

A ÁREA CENTRAL DE UBERLÂNDIA E AS ATIVIDADES DO CIRCUITO INFERIOR

Para entender as atividades do circuito inferior na área central de Uberlândia é preciso resgatar como a cidade se modernizou e tornou-se o importante mercado que é hoje, acolhendo conteúdos e funções que a caracteriza atualmente como um importante centro urbano da região do Triângulo Mineiro e do estado de Minas Gerais. Ao mesmo

tempo, tal modernização criara lacunas no espaço urbano, produzindo diferenças qualitativas e quantitativas nas formas de produção e consumo, revelando um processo de segregação sócio-espacial e a conseqüente reconfiguração do espaço da cidade. Desse modo, podemos partir do pressuposto que o Triângulo Mineiro conheceu, nas últimas décadas, um forte crescimento econômico em função do volume de atividades industriais, de comércio e serviços que se instalaram na região e, sobretudo, em Uberlândia:

[...] Uberlândia foi, na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, a cidade mais maleável à expansão de um meio técnico-científico-informacional, caracterizado pela presença de objetos técnicos, isto é, pelo aumento funcional e estrutural dos fixos artificiais associados, particularmente, às infra-estruturas econômicas, dentre elas, transporte, comunicação e energia (BESSA, 2004, p. 59).

No entanto, tal crescimento econômico que caracteriza Uberlândia como um moderno centro de serviços e comércio não se reverte em benefícios de amplo acesso à maior parte da população (PEREIRA, 2009a). Tal acesso desigual aos bens e serviços oferecidos retrata bem a estruturação das cidades dos países onde persistem as desigualdades sociais, visto que apenas uma pequena parcela da população consegue inserção privilegiada nas atividades intensas em organização e tecnologia (circuito superior). Em Uberlândia, tais atividades modernas da economia são desempenhadas por agentes hegemônicos da economia (nacionais e estrangeiros), como é o caso, por exemplo, dos grandes grupos dos setores atacadista, de telecomunicação e do agronegócio moderno. De outro lado, grande parcela da população não consegue inserção nos trabalhos do circuito moderno, dedicando-se às atividades não-modernas e pouco capitalizadas, que figuram às vezes como tradicionais ou informais. Esse antagonismo acaba por produzir espaços diferenciados e fragmentados, bem como uma organização territorial seletiva que se perpetua na cidade, sendo a área central de Uberlândia um espaço muito significativo para compreendermos tais desigualdades.

O espaço que acolhe de maneira mais significativa as atividades do circuito inferior é a área central, embora essas atividades também se localizem em outras partes da cidade. A área central acolhe, pela própria configuração do meio construído e de sua condição de área de grande circulação, uma diversidade de trabalho e capitais, permitindo uma coexistência de atividades modernas e não modernas (SANTOS, 2004; SILVEIRA, 2004, 2009). Em Uberlândia, esta situação ocorre principalmente numa parte significativa do centro, que pode ser caracterizada como aquilo que Silveira (2004, p. 11) denominou “áreas de diversidade”, ou seja, espaços onde o meio construído acolhe diferentes tipos de atividades, capitais e trabalho, permitindo com que atividades de ambos os circuitos da economia coexistam num mesmo espaço. Nas palavras da autora:

[...] Nas áreas de diversidade, o trabalho se especializa e se divide em múltiplos circuitos espaciais de produção, cuja área de mercado é o bairro ou a cidade em virtude de sua condição não hegemônica. A circulação é determinante, e por isso os circuitos diferentes se entrecruzam e criam um mercado (segmentado) que se nutre da diversidade de fabricação, comércio e serviços. São pontos e áreas densas da divisão do trabalho onde coexistem técnicas de diferentes momentos históricos. Os edifícios são, quiçá, a manifestação mais clara das rugosidades que vêm do passado, por sua idade e por suas condições (SILVEIRA, 2004, p. 11; **tradução nossa**).

O espaço que compõe a área central de Uberlândia conhece um processo de refuncionalização de suas atividades, visto que “até o final da década de 1980, Uberlândia era uma cidade monocêntrica, na qual praticamente todas as atividades de comércio e serviços estavam localizadas no centro da cidade” (RIBEIRO FILHO, *et al.*, 2009, p. 8). A década de 1980 foi o marco neste processo de reconfiguração do centro de Uberlândia, visto que a partir de então a cidade cresce rapidamente e o espaço urbano conhece transformações qualitativas importantes, com a emergência do que alguns autores denominam como “novas centralidades” (ou sub-centros), ou, ainda, com o surgimento de alguns eixos comerciais novos, como parece ser o caso, em Uberlândia, de algumas áreas nos bairros “Luizote de Freitas/Jardim Patrícia, Santa Mônica, Planalto, São Jorge/Granada e Presidente Roosevelt” (ALVES & RIBEIRO FILHO, 2009, p. 179), que hoje comportam atividades tanto de um terciário moderno quanto atividades simples e pouco capitalizadas. A partir da emergência dessas novas áreas e eixos comerciais, o centro de Uberlândia conhece um processo de “popularização” das suas atividades de comércio e serviços (RIBEIRO FILHO *et al.*, 2009, p. 2).

A década de 1990 traz novos fatores que contribuem para esta “popularização” (e empobrecimento) das atividades na área central da cidade. As avenidas Rondon Pacheco e João Naves de Ávila, à medida que a cidade se moderniza e ganha importância econômica na região do Triângulo Mineiro, constituem-se como novos eixos comerciais muito valorizados e atrativos para as atividades do circuito superior da economia, em função da circulação rápida e de fácil acesso que tais avenidas proporcionam. Ainda na década de 1990 é inaugurado um *shopping center* na cidade, empreendimento este que passa a concentrar grande parte das atividades do comércio moderno e mais capitalizado, antes localizado na área central. Inaugurado em 1992 e recentemente ampliado, este *shopping* possui mais de duzentas lojas (que inclui grandes lojas de departamento e *grifes* internacionais), praça de alimentação, hotel e um dos maiores centros de convenções do interior do país, recebendo um movimento diário de mais de 30 mil pessoas.

Esta nova configuração urbana, na qual “é preciso dotar as cidades de infra-estruturas custosas, indispensáveis ao processo produtivo e à circulação interna dos agentes e dos produtos” (SANTOS, 1996, p. 102), permite que boa parte das atividades do

circuito superior se desloque para as novas áreas privilegiadas da cidade. Isso levou a uma “popularização” da área central da cidade “como consequência da mudança do comércio de luxo para o *Shopping Center* e outras áreas especializadas, houve uma expansão do comércio popular no núcleo central, principalmente nas proximidades do terminal rodoviário central” (RIBEIRO FILHO, *et al.*, 2009, p. 18); que conheceu uma queda no preço dos prédios e dos aluguéis, visto que as inovações tecnológicas provenientes do alto grau de capitalização exigem novas infra-estruturas, o que leva a uma desvalorização de áreas e edifícios mais antigos (BOTELHO, 2007, p.29), ainda que algumas atividades do circuito superior (bancos, serviços públicos, grandes redes de lojas de departamento etc.) continuem localizadas no centro, caracterizando-o, assim, como “um espaço de coexistência de diferentes atividades, quer aquelas presididas pelo capitalismo hegemônico, quer aquelas que tomam o território usado como abrigo para a sua sobrevivência” (PEREIRA, 2009b, p. 248).

A concentração das atividades do terciário pobre no centro se deve muito as características do meio construído. Para além da presença de imóveis antigos e desvalorizados, a área central de Uberlândia, em função da grande circulação de pessoas e automóveis diariamente (sendo os eixos preferenciais as avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto; **figura 1**), principalmente nas proximidades do Terminal Central de transporte urbano, constitui espaço privilegiado para o adensamento das atividades do circuito inferior, em função da grande circulação de consumidores potenciais.

O Terminal Central constitui-se como um fixo indutor de vários fluxos, já que, segundo dados da Prefeitura Municipal de Uberlândia (2010), alcança um movimento de mais de 130 mil passageiros diariamente, abrigando plataformas de embarque/desembarque das mais de cinquenta linhas de transporte que atendem os bairros da cidade, além de outras oito linhas que partem da área central com destino a pontos distantes do município em áreas rurais (PMU, 2010). É desta forma que as atividades pouco capitalizadas de comércio e serviços que configuram o circuito inferior “retiram”, do seu entorno próximo, suas condições de sobrevivência no mercado. Deste modo, a área central da cidade, e especialmente o entorno do Terminal Central de transporte urbano, foi escolhida como área de realização das entrevistas que serviram de subsídio para a coleta de dados da pesquisa.

CARACTERÍSTICAS E AVALIAÇÃO DO CIRCUITO INFERIOR NA ÁREA CENTRAL DE UBERLÂNDIA

Para a caracterização e avaliação das atividades do circuito inferior na área central de Uberlândia (“bairro Centro” da divisão proposta e utilizada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia; **figura 1**), procedemos à realização de entrevistas.

Foram entrevistados, durante os meses de dezembro de 2009 a fevereiro de 2010, quarenta empreendimentos na área central de Uberlândia. A seleção se deu por meio de observação, onde, e antecipadamente, características típicas das atividades do circuito inferior puderam ser encontradas e nos serviram como critérios de seleção (sobretudo a pequena dimensão e pouca organização técnica de atividades de comércio e serviços aparentemente pouco capitalizadas). Foram entrevistados estabelecimentos das seguintes atividades: lojas de presentes e brinquedos, de confecções prontas, de confecções infantis, de celulares novos e usados, de acessórios automotivos, de malas e mochilas, de calçados, de artigos eletrônicos, de artesanatos, de ervas medicinais, de artigos de pesca, de CDs e DVDs, óticas e relojoarias, bancas de revistas e tabacaria. Entre os estabelecimentos prestadores de serviços, foram entrevistados estabelecimentos como assistências técnicas a aparelhos celulares, estúdio de tatuagens, lanchonetes e restaurantes. Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFU em agosto de 2008 e aprovado em outubro de 2009 (Registro CEP/UFU 178/09).

Em termos metodológicos, não nos interessou definir uma amostra matematicamente rígida em termos de “representação quantitativa”, porque num enfoque qualitativo de compreensão das atividades do circuito inferior o mais importante, nos parece, não reside no quanto as respostas se repetem entre os entrevistados, nem mesmo o grau de verossimilhança entre respostas dadas e fatos concretos (já que, provavelmente, em algumas questões “comprometedoras”, os dados podem ter sido distorcidos pelos informantes). O que fizemos foi recolher indícios empíricos que, aproximados às situações do circuito inferior, pudessem orientar uma análise que fosse capaz de, quiçá, contribuir com alguma compreensão do cotidiano das atividades simples do circuito inferior na cidade, suas formas de flexibilidade e de adaptação às exigências da economia no período atual.

Para a realização das entrevistas foi priorizada a figura do proprietário ou gerente dos estabelecimentos. Tal escolha se deve ao conteúdo do roteiro das entrevistas, já que o mesmo possui questionamentos específicos, que em geral podem ser mais bem respondidos pelos proprietários ou gerentes.

contratados, operações e aplicações realizadas, utilização e/ou destino dos lucros, etc.); além de aspectos da “publicidade” praticada por tais atividades; a abrangência do seu “mercado consumidor” (origem dos clientes, formas de pagamento oferecidas, perfil do consumidor, concorrência); e, por fim, as relações das atividades do circuito inferior com o “poder público”, (prefeitura municipal, governo do estado, etc.).

O meio construído e o circuito inferior na área central

As condições materiais e a estrutura de uso do meio construído na área central desempenham, como já fora anteriormente apontado, um papel fundamental à manutenção das atividades do circuito inferior. A grande maioria dos empreendimentos por nós analisados na área central da cidade utiliza-se de pequenos prédios alugados. Construções antigas e pequenas, por vezes deterioradas ou ainda muito adaptadas (cujo preço dos aluguéis é convidativo à instalação de atividades pouco capitalizada, tornam esta área da cidade o abrigo potencial para as atividades do terciário pobre.

Dos quarenta empreendimentos do circuito inferior analisados no centro de Uberlândia, trinta e dois ocupam prédios alugados, dois estabelecimentos ocupam prédios próprios e outros seis arrendam ou possuem concessão ou permissão de uso do ponto. No que se refere ao tamanho dos mesmos, trinta e dois dos quarenta estabelecimentos entrevistados ocupam prédios pequenos (menos de 10 m², aproximadamente), corroborando a idéia de que “o meio construído tem assim um efeito sobre a ação que nele se desenrola, ou seja, implica uma retroação, convidando à realização, sobretudo de trabalhos não-hegemônicos” (MONTENEGRO, 2009, p. 40) (**figura 2**).

Dessa maneira a área central, principalmente no que se refere ao meio construído, se torna atualmente, e ao mesmo tempo, um espaço de “deseconomia” para as atividades com alto grau de tecnologia e organização (circuito superior) e conseqüentemente um espaço de concentração para as atividades simples e com pouca organização e emprego de capital (circuito inferior) (SANTOS, 1994, p. 49).

A existência de “camelódromos” públicos (onde foram alocados ambulantes que ocupavam ruas e praças do centro) e mais recentemente um aumento dos “camelódromos” privados (galpões divididos em pequenos boxes) também revelam estratégias e tipos de relações para o uso da área central pelas atividades do circuito inferior (**figura 3**).



Figura 2 - Avenida João Pessoa, em frente à área ocupada pelo Terminal Central de transporte urbano. Nesta parte da avenida podemos notar a concentração de atividades ligadas ao circuito inferior da economia urbana. Prédios antigos e adaptados acolhem pequenos negócios de comércio e serviços. Foto do autor.



Figura 3 - “Camelódromo” municipal, avenida João Naves de Ávila, proximidades do Terminal Central de transporte urbano. A propaganda da fachada, como numa espécie de marquise, esconde a estrutura das pequenas barracas de lona usadas pelos comerciantes. Foto do autor.

Ao que tudo indica, a criação dos “camelódromos”, que consistiu originalmente numa estratégia do poder público para retirar das ruas do centro os vendedores ambulantes, foi rapidamente apropriada pelo capital privado e incorporada como uma prática recente de acumulação por agentes imobiliários que promovem a instalação de novos “camelódromos” privados (**figura 4**), explorando portanto a localização central de grandes prédios ou

estruturas que, muito adaptados, são hoje alugados à pequenos negócios que integram o circuito inferior na área central. Atualmente, para além dos dois “camelódromos” administrados pela prefeitura municipal de Uberlândia, existem pelo menos outros seis “camelódromos” ou galerias populares (empreendimentos privados) instalados na área central da cidade.



Figura 4 - “Camelódromo” privado, rua Coronel Antônio Alves, entre as avenidas Afonso Pena e João Pinheiro. Estratégia para a captura da renda de comerciantes pouco capitalizados, os “camelódromos” privados, galerias ou “shoppings populares” aumentam em número e tamanho na área central de Uberlândia. Foto do autor.

Conforme o levantamento realizado na área próxima ao Terminal Central de transporte urbano, pequenos prédios podem ser alugados por cerca de R\$700,00 ou R\$800,00. Os preços de aluguéis dos pequenos boxes nos “camelódromos” (espaços com cerca de 4 a 6 m²) são ainda menores, variando de R\$300,00 a R\$600,00 (a proximidade com as ruas mais movimentadas ou mesmo a localização no interior dos “camelódromos” implica em um preço mais elevado do aluguel). Na grande maioria dos estabelecimentos entrevistados, gerentes ou proprietários informaram estar satisfeitos com a localização, sobretudo entre aqueles cujo prédio utilizado é alugado, indicando que tal investimento é essencial à manutenção da atividade.

Mesmo que o valor do aluguel comprometa quantia significativa dos rendimentos, a localização no centro da cidade assegura, potencialmente, um acesso amplo ao mercado consumidor, sendo esse aspecto essencial para a garantia de manutenção destes empreendimentos. Cerca de um quarto dos estabelecimentos entrevistados informou que a renda mensal do empreendimento varia entre R\$500,00 e R\$1.000,00, enquanto outro quarto dos entrevistados parece obter rendimentos mais altos (de 1 mil e até 5 mil reais), o

que nos permite concluir que, para além da pequena quantidade de capital mobilizada no circuito inferior, tais atividades são potencialmente geradoras de renda para a população mais pobre que não se insere no circuito moderno (**figura 5**).

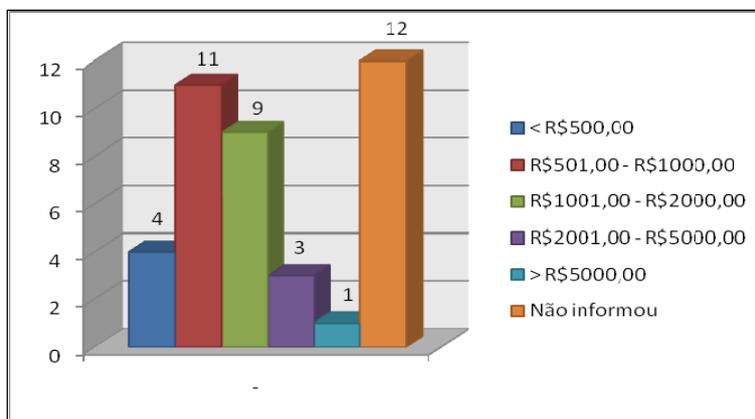


Figura 5 - Faixas de renda dos estabelecimentos entrevistados.

No entanto, a renda adquirida com os negócios do circuito inferior, em grande parte dos casos analisados, não é suficiente para cobrir os gastos familiares, fato este que resulta na necessidade de complementar a renda com trabalhos realizados por outros membros da família (cônjuge, filhos), sendo que muitas vezes este trabalho de complementação da renda também ocorre em atividades realizadas no mesmo circuito.

Os instrumentos necessários ao trabalho

Caracterizado pelo uso de um capital escasso e de pequena dimensão, o circuito inferior da economia urbana em Uberlândia no mais das vezes se utiliza de poucos equipamentos de trabalho. No caso dos empreendimentos voltados para o comércio, para além do próprio ponto e das mercadorias postas à venda, o equipamento mais difundido, segundo informações dos estabelecimentos visitados (em quase a totalidade dos mesmos) foi o telefone (fixos e principalmente os celulares), geralmente usado para fins de trabalho, contato com a família, com fornecedores e consumidores.

Os equipamentos de uso específico aparecem sobretudo entre os estabelecimentos que se prestam à realização de serviços, como é o caso de instrumentos específicos para reparos e consertos (relojarias, assitências técnicas de celulares etc.), bem como para a fabricação e o preparo de alimentos prontos (restaurante e lanchonetes).

No período atual, em que o crédito aparece como elemento central à realização do consumo, os terminais (máquinas) de cartões de crédito cada vez mais ganham importância também no circuito inferior e já constituem equipamentos necessários a algumas atividades realizadas neste circuito (27 dos 40 empreendimentos entrevistados na área central informaram receber pagamento por meio de cartões de crédito).

Origem das mercadorias, matérias-primas e insumos

No que se refere a procedência das mercadorias e insumos, a maioria do que é comercializado nas atividades do circuito inferior em Uberlândia advém de outros estados do país, indicando uma tendência que se repete em outras partes do Brasil e que resulta diretamente das novas possibilidades de fluidez das mercadorias e, de certo modo, também de algumas especializações produtivas regionais, situação indicativa de que a vida de relações que perpassa as atividades do circuito mais pobre da economia também se amplia no território.

A cidade de São Paulo aparece com muita centralidade para o abastecimento desse circuito em Uberlândia. A avenida 25 de Março, em São Paulo, fora citada por vários comerciantes como ponto importante de abastecimento, indicando a amplitude das relações que abastecem este circuito no interior do país, que ganha, por vezes, expressão internacional. A cidade de Goiânia (GO) aparece também como um pólo importante para as compras, sobretudo de confecções, além das mercadorias importadas de baixo custo (em sua maioria chinesas), obtidas tanto em São Paulo como por meio de compras feitas diretamente no Paraguai pelos chamados “sacoleiros”, induzindo por vezes o aparecimento deste novo intermediário e desta nova ocupação que dá suporte ao trabalho realizado no circuito inferior (visto que nem todos os comerciantes realizam viagens) (**figura 6**).

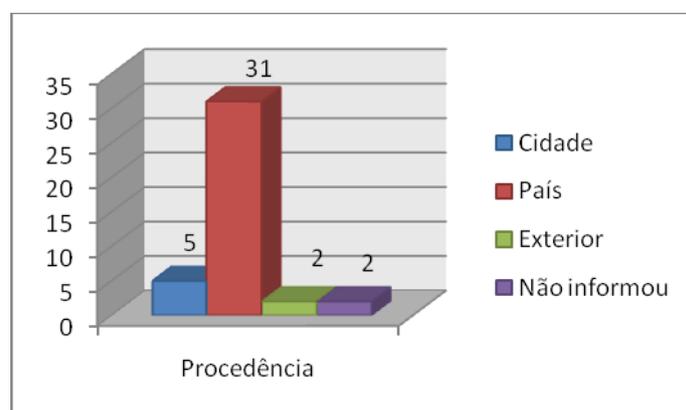


Figura 6 - Procedência das mercadorias.

A mão-de-obra empregada nas atividades do circuito inferior

Além de geradoras de renda, as atividades do circuito inferior em Uberlândia também são potencialmente geradoras de trabalho para a população mais pobre e que aparece como menos qualificada para as atividades ditas “modernas”. Ainda que a grande maioria dos estabelecimentos entrevistados na área central de Uberlândia empregue constantemente mesmo apenas o trabalho dos proprietários, cerca de 10% dos estabelecimentos entrevistados afirmaram empregar pelo menos mais de dois funcionários regularizados (nos sistemas “formais”, com “carteira-assinada”, benefícios, etc.), sobretudo os estabelecimentos de maior porte, como no caso de restaurantes, óticas etc. Em outros 25% dos estabelecimentos entrevistados, além do próprio dono ou gerente, estava empregado também mais um único funcionário. Deste modo, como conclui Montenegro, “embora cada unidade de produção, de comércio ou de serviços do circuito inferior possa oferecer apenas um pequeno número de ocupações, sua grande quantidade acaba por ter um efeito compensador sobre o mercado de trabalho” (MONTENEGRO, 2009, p. 38).

O pequeno aporte de capital, as dificuldades de se assumir o compromisso com o aumento dos custos fixos, bem como com as imposições legais do sistema trabalhista, confere às atividades do circuito inferior a presença muito marcante tanto do trabalho autônomo como do emprego de uma mão-de-obra familiar (permanente ou não, com ou sem registro formal).

Tal como em outras regiões do país, as atividades do circuito inferior em Uberlândia indicam tanto a insatisfação com a situação anterior de venda da mão-de-obra quanto à busca por possibilidades de melhora nas condições materiais de vida dos trabalhadores. Assim, tal circuito resulta muito da busca por um trabalho autônomo que, ainda que à primeira vista possa figurar como pouco lucrativo, no mais das vezes parece conferir melhores condições de trabalho e renda quando comparado às situações anteriores de venda da força de trabalho (PEREIRA, 2009b, p. 263). Encontramos, entre os proprietários dos estabelecimentos entrevistados, as mais diferentes ocupações anteriores (vendedores, corretores de imóveis, técnicos em eletrônica, enfermeiras etc.). No entanto, a prática do comércio ou a prestação de serviços em atividades do circuito inferior também apareceram como a primeira e única forma de inserção no mercado informada por alguns entrevistados, e também como uma forma de complementação da renda de trabalhadores já aposentados. O trabalho no circuito inferior confere aos proprietários destes empreendimentos vantagens em relação à venda da força de trabalho, visto que se elimina a figura do empregador (patrão), o cumprimento de horários fixos, além do aumento da renda e das possibilidades de dedicar-se a um trabalho preferido (PEREIRA, 2009b).

A presença do emprego familiar, de maneira permanente ou não, constitui outro fator importante nas atividades do circuito inferior, ressaltando mais uma vez este potencial de geração de trabalho nas atividades do circuito pobre. No caso da área central de Uberlândia, onde foram avaliadas apenas as atividades do terciário, o emprego da mão-de-obra familiar apareceu com muita relevância entre os estabelecimentos entrevistados – mais de 60% do total (25 dos 40 entrevistados) informou empregar mão-de-obra de membros da família.

Na maioria dos casos, a remuneração dos funcionários neste circuito é pequena, o que representa, na maioria das vezes, apenas o pagamento de um salário mínimo (no período de aplicação das entrevistas o salário mínimo era R\$ 465,00; geralmente, a partir de informações verbais, o comércio em Uberlândia pagava cerca de R\$ 530,00, o chamado “salário comercial”) e alguns benefícios como comissões de venda, vale-refeição e vale-transporte (pelo que nos foi informado nas entrevistas, a grande maioria dos funcionários dos estabelecimentos visitados usa o transporte coletivo para se deslocar da casa ao trabalho).

Características do capital, finanças e crédito

No que se refere aos investimentos iniciais para abertura do empreendimento, ainda que algumas atividades nos tenham informado o empenho de um capital relativamente alto para o início das atividades (despesas com mercadorias, compra do “ponto”, adaptações no prédio etc.) a maior parte dos estabelecimentos entrevistados informou ter iniciado suas atividades com investimentos muito pequenos; o que configura uma das principais características do circuito inferior.

Em que pese a indicação de valores através de informações por vezes enviesadas; entre as atividades que informaram um investimento inicial mais elevado temos, por exemplo: um pequeno restaurante, aproximadamente R\$ 80 mil; uma ótica, R\$ 80 mil; e uma tabacaria, R\$ 150 mil. Os investimentos iniciais mais baixos que encontramos na área central de Uberlândia foram informados por pequenas lojas de artigos para pesca (R\$300,00) e também por uma loja de presentes (cerca de R\$ 400,00).

Na maioria dos estabelecimentos entrevistados pudemos reconhecer situações de aumento entre o capital inicialmente investido e o capital atualmente mobilizado para o funcionamento dos negócios, ainda que haja estabelecimentos que não tenham expandido o seu capital (que se manteve basicamente o mesmo) e também casos em que ocorrera uma diminuição (investimento atual menor do que o inicial). Tais relatos de aumento do capital

investido revelam a possibilidade de alguma acumulação (ainda que no mais das vezes pequena) nestes empreendimentos do circuito inferior (PEREIRA, 2009b).

Hoje, a existência destes pequenos negócios se faz, cada vez mais, a partir de uma inserção de novos nexos financeiros. As vendas no circuito inferior já podem ser feitas através de diferentes formas de pagamento, como com cartões de crédito e débito que são aceitos em 27 dos 40 estabelecimentos entrevistados.

No Brasil atual, onde a parcela mais pobre da população acaba de uma forma ou de outra participando de um maior consumo do crédito, a difusão dos terminais de crédito (crédito e débito), mesmo entre aqueles estabelecimentos menores e pouco capitalizados, aparece como um novo meio de pagamento (bem mais garantido do que o cheque).” (PEREIRA, 2009b, p. 268). Ao mesmo tempo, conforme avalia Silveira:

[...] Uma profusão de formas de crédito pessoal favorece o aumento do consumo e, simultaneamente, o endividamento, a inadimplência e a insolvência. As novas formas de venda de bens, serviços e inclusive dinheiro estão estreitamente vinculadas às novas configurações do meio construído [...] como as localizações em áreas de maior densidade do circuito inferior (SILVEIRA, 2009, p. 65).

Assim, podemos afirmar com Silveira (2009) que o circuito superior voltado para a oferta e expansão do crédito alcança e explora segmentos de um mercado e de um consumo realizados também entre os mais pobres, aprofundando os nexos capitalistas e a dependência e subordinação do circuito inferior ao circuito superior da economia (agora também pelo segmento financeiro).

Nos estabelecimentos menos capitalizados do circuito inferior da economia urbana na área central de Uberlândia tais terminais de pagamento a crédito são usados em grande parte de forma coletiva entre comerciantes e prestadores de serviços, sobretudo entre aqueles empreendimentos localizados nos “camelódromos”. A proximidade das lojas, as exigências formais para a aquisição das máquinas e, sobretudo, a necessidade de diminuir os custos fixos de manutenção do estabelecimento levam muitas vezes a este uso compartilhado de um único aparelho para as compras com cartões. Ainda que constitua uma facilidade para as vendas (visto que o parcelamento das compras cada vez mais aparece como necessidade para o consumo), encontramos alguns casos em que os próprios administradores dos “camelódromos” ou alguns proprietários mais capitalizados oferecem o uso dos terminais de crédito mediante pagamento de uma “taxa extra” (que varia entre 3 a 10% sobre o valor das compras, dependendo do valor e do número de parcelas), indicando novas formas hierárquicas e seletivas de acumulação no interior do circuito.

Ainda que a expansão deste tipo de pagamento pareça ser recente no circuito inferior, alguns comerciantes e prestadores de serviços informaram utilizar os terminais de

crédito há mais de uma década. Um resultado direto da expansão deste tipo de pagamento é a diminuição das práticas do popular “fiado” e também do pagamento com cheques. Em apenas 5% dos estabelecimentos entrevistados as vendas através da prática do fiado persistem, sendo destinadas apenas aos clientes próximos e conhecidos.

Uma situação encontrada na área central de Uberlândia merece destaque – permanecem as práticas de agiotagem, onde comerciantes emprestam dinheiro a juros para a abertura ou manutenção de pequenos comércios. A ausência de políticas públicas de financiamento específicas para os pequenos negócios (ou ainda, quando as políticas existentes são pouco divulgadas ou muito burocratizadas) abre espaço e mercado para tais práticas.

De outro lado, um dado que chama atenção, e também demonstra a fragilidade financeira das atividades do circuito inferior, foi o baixo índice de aquisição de financiamentos públicos (apenas 7 dos 40 empreendimentos entrevistados) ou mesmo privados (parece haver receio de endividamento e medo de tornar-se inadimplente). Apenas 10% informou o uso de empréstimos para a abertura do empreendimento. Tal situação reflete diretamente na necessidade de um maior apoio do poder público no que diz respeito às políticas de financiamento das atividades pouco intensas em capital na cidade – 60% dos estabelecimentos entrevistados informou interesse em obter ajuda dos órgãos públicos, sobretudo no que se refere à linhas de crédito a baixo custo.

Ainda em relação às finanças, a maioria dos estabelecimentos entrevistados, aproximadamente 70%, informou trabalhar com bancos (16 entrevistados possuem conta corrente ou poupança em apenas um banco, enquanto outros 12 trabalham com mais de um banco), prática difundida já há bastante tempo entre comerciantes e prestadores de serviços do circuito inferior. No que tange às operações bancárias realizadas pelos entrevistados, aproximadamente 46% dos que informaram trabalhar com bancos realizam operações como uso de cheques, bem como depósitos e também o uso de cartão crédito/débito, enquanto que 7% (2 dos 28) alegaram utilizar o banco apenas para a realização de depósitos, indicando que mesmo entre os menos capitalizados e inseridos no sistema de atividades financeiras existe a preocupação em poupar ou reservar dinheiro. Tal preocupação apareceu pelo menos entre a metade dos estabelecimentos do circuito inferior (50% dos proprietários entrevistados informaram possuir poupança e 10% do total avaliado também possuem algum tipo de seguro).

A capitalização do empreendimento (mesmo que no mais das vezes pequena) faz-se assim necessária. Como o circuito de relações se alarga (com compras realizadas fora de Uberlândia) a lógica da relação fornecedor-comerciante torna-se também impessoal.

A maioria dos comerciantes ou prestadores de serviços entrevistados (22) informou realizar o pagamento a seus fornecedores apenas com dinheiro, ainda que outras formas também sejam aceitas e praticadas, como é o caso de depósitos, cheques e duplicatas (exigentes portanto de vínculos com o setor bancário, de uma situação financeira estável, bem como alguma capitalização ou condição de acesso ao crédito).

A preocupação com a situação financeira parece ser grande e freqüente entre os estabelecimentos. Indagados sobre as principais dificuldades encontradas nos últimos 12 meses, cerca de um quarto dos estabelecimentos entrevistados informou ter enfrentado dificuldades financeiras, o maior problema, no entanto, parece ser a queda no número de clientes (apontado por cerca de 40% dos entrevistados e uma das causas das dificuldades financeiras). Como num círculo vicioso, tal circunstância não permite atualizar estoques, tampouco ampliar a oferta de mercadorias. Tal situação, na percepção dos entrevistados, em muito decorre da difícil concorrência com estabelecimentos maiores e que oferecem preços mais baixos. No entanto a grande maioria dos comerciantes e prestadores de serviço dos estabelecimentos visitados declarou estar satisfeita com a atividade que realiza, bem como com os seus rendimentos (a garantia de trabalho e de renda, ainda que muitas vezes pequena, parece ser o suficiente), indicando também a intenção de expansão de seus negócios visando um maior faturamento.

Quanto à destinação da renda dos estabelecimentos, o principal destino é mesmo aquele voltado para a subsistência da família, para além, necessariamente, dos recursos empenhados na própria manutenção da atividade. No entanto, vários comerciantes informaram que parte dos rendimentos é também voltada para o consumo e aquisição (em boa parte financiados) de bens duráveis como automóveis e mesmo imóveis.

Estratégias de propaganda

As práticas de publicidade e propaganda são bastante diferenciadas entre os circuitos, superior e inferior, da economia. No circuito superior da economia a relação com os clientes é geralmente impessoal e exigente de investimentos em propaganda e divulgação de produtos ou serviços. A publicidade é assim muito importante nas atividades do circuito mais capitalizado, manipulando comportamentos e necessidades da população. Já no circuito inferior, onde os investimentos em propaganda muitas vezes são praticamente nulos, a relação com os clientes aparece muito mais “próxima” e é de certo modo direta (veja as práticas de abordagens nas ruas, por exemplo, das lojas populares das áreas centrais das cidades, ou ainda as táticas dos ambulantes e camelôs).

Em Uberlândia, e a partir dos dados recolhidos nas entrevistas que realizamos, as atividades do circuito inferior, de modo geral, não praticam frequente e sistematicamente atividades voltadas para a publicidade ou propaganda, embora tal atividade já apareça como preocupação para a manutenção dos negócios de vários comerciantes e prestadores de serviços entrevistados.

Como a renda é em geral baixa e praticamente toda consumida pelas necessidades familiares e de manutenção do próprio negócio, a propaganda utilizada é reconhecida muitas vezes nas estratégias e táticas de convencimento, ou seja, no contato pessoal com o consumidor (tentativa de convencê-lo ao consumo). Nos casos analisados em nosso levantamento, os que informaram fazer uso frequente de propoganda (16 dos 40 estabelecimentos entrevistados) indicaram a confecção de materiais como cartõezinhos, a divulgação em *sites* de relacionamento e *sites* comerciais etc. como as principais formas de propaganda empregadas, demandando por vezes um trabalho de terceiros que é realizado num circuito superior marginal (SANTOS, 2004). Tais formas de propaganda revelam que o circuito inferior da economia urbana também participa e se insere nas práticas modernas (e de grande potencial de alcance) típicas do período técnico-científico-informacional, muito ligadas à expansão das técnicas modernas de informação.

Alcance e características do mercado consumidor

A pesquisa também revelou um novo alcance e expressão do mercado consumidor para as atividades do circuito infeior em Uberlândia. A nosso ver, isso resulta particularmente da função cada vez mais definida da cidade de Uberlândia como centro regional do Triângulo Mineiro. Assim, uma abrangência territorial do mercado consumidor também não poderia deixar de fora as atividades simples e menos capitalizadas da economia urbana.

Os comerciantes e prestadores de serviços da área central de Uberlândia reconhecem esse consumo realizado por clientes oriundos de outras localidades (região do Triângulo Mineiro e mesmo outras regiões de Minas Gerais ou estados vizinhos) (**figura 7**).

No que se refere ao perfil dos consumidores, uma característica que permanece é a presença de consumidores oriundos de todas as classes sociais. Santos (2004) reconhece tal característica ao afirmar que os circuitos não tem consumidores fixos, visto que a classe média transita entre circuito superior e inferior, bem como aqueles consumidores de baixa renda que, de um modo ou outro (mas com menor frequência), também consomem no circuito superior da economia. Cerca de um terço dos estabelecimentos entrevistados na área central de Uberlândia informou ter como clientela

consumidores de todas as classes sociais, ainda que também tenham afirmado que a maioria dos consumidores é, aparentemente, de baixa renda.

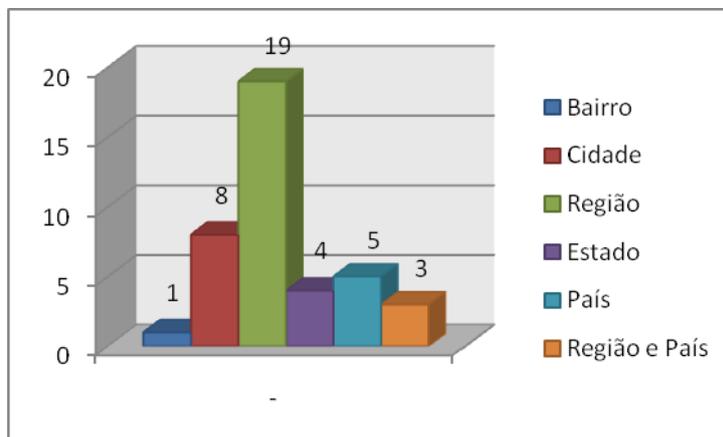


Figura 7 - Mercado Consumidor: Origem dos clientes.

No que tange ao contato com os consumidores e também o contato entre comerciantes de pontos próximos, os laços de solidariedade e amizade aparecem com frequência. Tal característica é mais presente entre aqueles que dividem espaços mais apinhados (como é o caso dos “camelódromos”). Ainda que muitas vezes o rendimento da atividade não seja dos maiores, a maioria dos comerciantes e prestadores de serviços entrevistados acredita na existência de “mercado para todos” e a falta de uma mercadoria na loja é muitas vezes motivo de indicação para a compra no estabelecimento de um amigo ou em estabelecimentos vizinhos (mesmo que concorrentes).

As relações com o poder público

Tal como ocorre na maioria das grandes cidades brasileiras, em Uberlândia, as atividades do circuito inferior da economia não possuem o mesmo caráter de importância econômica frente ao trabalho desempenhado por agentes que figuram como economicamente mais importantes, porque mais capitalizados.

As piores condições parecem ser enfrentadas por aquelas atividades que figuram como “não formais” e, portanto, vistas como irregulares. Como sua expressão e volume são inegavelmente importantes para o conjunto da população mais pobre, a saída adotada pelo poder público é muitas vezes um cerceamento que destina a estes trabalhos espaços precários e delimitados de modo a “esconder” a economia pobre que se realiza na área central.

Em Uberlândia, grande parte dos vendedores ambulantes que ocupavam praças e calçadas na área central, que foram, durante a década de 1990, instalados nos “camelódromos” públicos, encontra-se insatisfeita. Em março de 2010 o jornal Correio de Uberlândia publicou reportagem sobre a existência de boxes vazios nos “camelódromos” municipais. Comerciantes reclamavam da queda nas vendas em relação a quando comercializavam nas ruas do centro como ambulantes, protestando contra as políticas de fiscalização e cerceamento aos vendedores das ruas (MOTA, 2010).

O trabalho direto nas ruas parece ser mais lucrativo, daí a situação freqüente de boxes fechados ou subutilizados nos “camelódromos” organizados pela prefeitura. Muito ligados ao meio construído onde estão inseridos, a remoção de tais atividades é em muitos casos responsável pela sua inviabilidade (PEREIRA, 2009b, p. 272). Um excesso de fiscalização e o pagamento de taxas públicas mesmo entre os menos capitalizados também figuram como problemas apontados pelos comerciantes.

Como o circuito inferior cresce na mesma proporção em que se fortalece o circuito superior (visto que os pobres subsistem e aumentam em número), o circuito inferior da economia tende a permanecer e perpetuar suas práticas, demandando outros tipo de política e exigindo, portanto, um novo tipo de tratamento por parte do poder público, já que este circuito existe em função de uma população e um mercado também pouco capitalizados, frutos de uma pobreza excludente e de caráter estrutural (SANTOS, 2000; SILVEIRA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da investigação empírica realizada, e tomando como referência a teoria dos circuitos da economia urbana produzida por Milton Santos, podemos afirmar que em Uberlândia a expansão dos nexos capitalistas, típicos do período atual de globalização, antes de promover um aumento das oportunidades e da igualdade social acaba, de modo antagônico, por expandir também as atividades de uma economia pouco capitalizada e voltada para consumidores e setores mais pobres – a pobreza urbana é assim nítida e se escancara não só nas periferias pobres mas também na área central.

Adensadas onde o meio construído é capaz de oferecer condições mais adaptadas e vantajosas a uma economia pouco intensa em capital, o circuito inferior na área central de Uberlândia ganha força, na medida em que as atividades mais capitalizadas da economia procuram por localizações valorizadas e de acesso mais fácil para aqueles consumidores que compõem um mercado mais seleto.

Visto como um todo, o circuito inferior da economia, em que pese muitas vezes ser responsável por um trabalho intenso e precário, responde e é responsável por um volume grande de negócios, empregos e fonte de renda para a população menos capitalizada. Estas atividades também se multiplicam em termos de novas possibilidades de comercialização e prestação de serviços para outras empresas. Em Uberlândia, tais atividades se diversificam, tomam um volume maior e alargam-se em termos de relações (ganhando caráter e importância regionais), mesmo que também se mostrem mais dependentes e subordinadas ao circuito superior, sobretudo ao capital financeiro que agora invade até os estratos mais pobres da economia urbana (vide a expansão dos terminais e das compras a crédito).

Os trabalhos simples desta economia banal representam o sustento de milhares de famílias. Neles, há, potencialmente, lugar para a realização dos sonhos de se comprar um imóvel próprio, um automóvel, etc., bem como representa muitas vezes possibilidades de acesso a serviços que figuram como direitos universais – os rendimentos deste circuito inferior são responsáveis muitas vezes pelo pagamento de escola ou faculdade aos filhos, entre outros serviços.

Visto de outro ângulo pelo poder público (em todas as suas esferas), o trabalho no circuito inferior da economia poderia figurar como alvo dileto de políticas públicas endereçadas às atividades menos capitalizadas da economia e que consistem, por isso mesmo, em demandas sociais ainda não atendidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. A.; RIBEIRO FILHO, V. A (re)estruturação do espaço urbano de Uberlândia (MG): uma análise a partir dos processos de centralização e descentralização. **Observatorium**. Uberlândia. Ano 1, n. 1, p. 170-184, 2009.

BESSA, K. Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia: o local na era das redes. *In*: SANTOS, R. J.; RAMIRES, J. C. de L. (org.) **Campo e cidade no Triângulo Mineiro**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 59-87.

BOTELHO, A. **O urbano em fragmentos**: a produção do espaço e das moradias pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo: ANNABLUME/FAPESP, 2007.

MONTENEGRO, M. R. O Circuito inferior central na cidade de São Paulo em sua relação com a densidade de fluxos e com o meio construído. **Mercator**. Fortaleza. Ano 8, n. 15, p. 37-48, 2009.

MOTA, N. Camelódromos possuem boxes vazios. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 12 de março de 2010. p. A6. Disponível em: <http://www2.correiodeuberlandia.com.br/texto/2010/03/12/43931/camelodromos_possuem_boxes_vazios.html> Acesso em: março/2010.

PEREIRA, M. F. V. A Divisão do trabalho e a cidade fragmentada: os circuitos da economia urbana em Uberlândia (MG). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 11, 2009, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB/Instituto de Geociências, 2009a.

- PEREIRA, M. F. V. Os limites da racionalidade no meio urbano. Cap.10. **O processo recente de atualização do território no sudoeste da Amazônia**: lógicas exógenas e dialéticas endógenas em Rondônia e Acre. 2009. Tese (doutorado em Geografia). IGCE/UNESP. Rio Claro, 2009b.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Trânsito e Transporte. **Biblioteca Virtual**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=78&pg=573>> Acesso em: janeiro de 2010.
- RIBEIRO, A. C. T. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. **OSAL**. Observatório Social da América Latina. Buenos Aires. Ano VII, n. 21, p. 23-31, 2006.
- RIBEIRO FILHO, V.; ALVES, L. A.; GARCIA, J. C. A configuração do núcleo central de Uberlândia (MG). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 11, 2009, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB/Instituto de Geociências, 2009.
- SANTOS, M. **Pobreza urbana**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**: o caso de São Paulo. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1994.
- SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. **Economia Espacial**: Críticas e alternativas. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **Cuadernos del Cendes**. Caracas. Ano 21, n. 57, p. 1-21, 2004.
- SILVEIRA, M. L. Metrôpoles do Terceiro Mundo: da história ao método, do método a história. In: CAMPOS, A.; SILVA, C. A. (org.) **Metrôpoles em mutação**: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2008.
- SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**. Salvador. v. 22, n. 55, p. 65-76, 2009.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

COELHO, Otávio de Melo; PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. O circuito inferior da economia na área central de Uberlândia (MG): avaliação e caracterização. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 163-188, jan./abr. 2011.
URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

EDITOR DE SEÇÃO:

Ideni Terezinha Antonello

TRAMITAÇÃO DO ARTIGO:

✓ Recebido em 05/10/2010

✓ Aceito para publicação em 30/06/2011